



15 Minutos de Inesquecível Emoção



Por Murillo Teixeira Barros

Aconteceu quando eu estava na praia. Uma noite em que eu estava contemplando os reflexos da lua, as ondas raivosas se desfazendo em flócos de espumas e o lindo céu pontilhado de estrelas. Não sei quanto tempo fiquei admirando este cenário místico de beleza. É certo que exagerei muito esta devoção, pois os olhos se fecharam sem querer e, reclinando a cabeça, adormeci profundamente.

Acordei com as primeiras rajadas frescas da madrugada e olhei assustado para os lados, procurando explicação para o que me havia ocorrido. Levantei-me para desentorpecer o corpo e olhando no relógio de pulso verifiquei que os ponteiros marcavam 4,30.

Nisso ouvi passos perto de mim e qual não foi a minha enorme surpresa, quando, aos raios da lua perto do oco, foi aparecendo um vulto familiar, que tinha visto em muitas estampas e quadros históricos.

Era um homem de estatura média, cheio de corpo, pequeno chapéu tricórnio, túnica verde, capote cinzento, calças brancas, botas pretas e espada. Todo meu ser freuiu de alegria e emoção.

Com a aproximação, vi um belo rosto de linhas clássicas, testa larga, olhos escuros e cintilantes de alma intrépida, bo-

ca regular e queixo saliente de homem enérgico. Olhei para as mãos pequenas, gordas e bem feitas, que o orgulhavam mais que as suas vitórias. E todo o seu aspeto correspondia às descrições que tantas vezes tinha lido.

Sinceramente lamentei não estar em uniforme pois o meu traje paizano consistindo em um paletó de pijama, uma calça de brim e um par de tenis, não estava próprio para receber a visita do Imperador.

E, disfarçando mal a emoção, exclamei:

—“Êtes-vous, sire?”

—“Fale na língua do seu país. Nós,—os habitantes do outro mundo, somos ótimos políglotas”, e sorriu ante a minha surpresa e depois perguntou:

—“Quem sois? O que fazes aqui?”

—“Eu sou o Major Murillo Teixeira de Barros do Exército Brasileiro”.

—“Sois militar e não estais de uniforme?”

—“Não, Sire! Estou aqui em férias”.

—“Férias? O que é isto?”

—“É uma recompensa que temos após um ano de trabalho. O governo faculta ao oficial 30 dias de repouso no lugar do país que lhe aprouver. É o que estou fazendo aqui.”

—“No meu tempo não se fazia assim. Eu nunca dei paz à França e, muito menos, férias aos meus oficiais”.

—“O Exército Francês só te-

ve férias no período de dez anos que Vossa Magestade passou em Elba”.

—“Lamento minha pouca sorte. Vir a este belíssimo país e o primeiro habitante que encontrei ser um republicano jacobino”.

—“Perdão, Magestade, não sou homem de opinião extremada. Enalteço vossas realizações e deploro os vossos erros. Se Vossa Magestade, por merecimento de uma graça especial, resuscitasse para realizar o desejo de pertencer à posteridade afim de saber a opinião dos homens ao seu respeito, nada lucraria com isso...”

—“E porque?”

—“Porque Vossa Magestade é uma figura que sempre foi analisada e discutida com paixão. Entre seus apologistas encontramos Byron, Goethe, Reinne, Manzoni, Vitor Hugo, Dumas e outros que iluminaram a época áurea do Romantismo. E os seus detratores são também figuras de destaque da Literatura...”

—“Tinha curiosidade de saber a sua opinião equidistante de soldado estudioso”.

—“Sire, em minha humilde opinião, não fostes derrotado em Waterloo, como diz a história. A vossa maior derrota foi em Austerlitz. Sob o ponto de vista militar, foi uma batalha ganha pelo gênio e pela técnica. Mas, desastrosamente, o vencedor era, porém, um ge-

neral moço ultra-ambicioso

e que acreditou que jamais seria vencido. Eis porque as vossas guerras não tiveram mais fim e os tratados de paz eram apenas tréguas. E para dar brilho às vossas vitórias faltou um estadista de valor que soubesse fazer a paz e um economista de pulso que contivesse vossa campanha absurda contra a Inglaterra. Ainda não compreendi porque a Espanha foi invadida e porque foi feita a campanha da Rússia. Ambas abalaram profundamente o vosso Império e levantaram uma onda de ódio contra a França.

Se Vossa Magestade tivesse levado as fronteiras da França até o Reno, fizesse a unificação da Itália, a restauração da Polónia e colocasse a confederação alemã sob a coroa da Áustria, talvez vossos netos ainda reinassem nas Tulherias... Mas a vossa desmedida ambição de glórias, a vossa desmedida monomania de assolar a Europa para hostilizar a Inglaterra e a desastrosa idéia de dar uma coroa de rei aos vossos irmãos custaram caro à França, fazendo correr inutilmente muito sangue.

—“E isto quer dizer que somente fui prejudicial?”

—“Não, Sire! A vossa atuação teve também um lado favorável, elevadíssimo. A Revolução Francesa, como toda revolução, teve seus grandes erros, muitos erros odiosos, muitas figuras execráveis, muitos

homens de valor e conquistas sociais que a imortalizam. Mas é forçoso reconhecer que foi Vossa Magestade que salvou a França da anarquia, livrou-a da demagogia dos estadistas de bairro, e restituiu à família francesa a religião e a segurança. E todas as virtudes da Revolução foram condensadas nesse monumento do Direito que é vosso Código Civil, e que serviu de modelo a todos os outros. Ainda hoje, o vosso nome é declinado com respeito pelos juristas de todos os países. A humanidade progrediu muito com a vossa vida, e descontando os exageros dos apologistas e diminuindo o rancor dos vossos detratores, tornaremos Vossa Magestade uma figura menos lendária e mais humana, menos autoritária e mais liberal, que, colocada nos justos termos, ocupa um lugar proeminente na História da França e nas conquistas liberais da Humanidade.

Vossa Magestade não teve que esperar muito por este julgamento. Santa Helena a apressou esta conclusão.”

—“Em que Santa Helena foi útil a minha carreira?”

—“Porque foi nesse terrível rochedo que conquistastes uma aureola imortal. Se Vossa Magestade tivesse terminado seus dias no castelo de Lord Holland ou feito agricultor nos Estados Unidos, não passaria de um general afortunado ou de um tirano aposentado. E talvez a vossa memória ainda fosse amaldiçoada pelos homens.

Mas os homens mesquinhos do gabinete de Londres, sem querer, fizeram do final de vossa vida, uma verdadeira apoteose, muito útil à vossa grandeza.

Recusando acreditar na doença mortal, multiplicando as humilhações e medidas vexatórias, negando-vos o título de Imperador e dando para vosso carcereiro um carrasco, os estadistas de 1815 fizeram do vencido de Waterloo um mártir e o mártir o redimiu de todos os erros, absolvendo-o de todas as falhas e abusos de força de vossa tumultuária carreira. E quando surgiu a era do Romantismo, todas as figuras expressivas do Século XIX foram vossos apologistas, produzindo a maior reviravolta que se conhece da opinião pública.

—“Hoje estou em um plano que me torna indiferente aos louvores e recriminações. Gostei imensamente de sua sinceridade. Pelo que vejo é muito dado ao estudo da História”.

—“É muita honra, para mim, confirmar que nesse ponto sou muito parecido com Vossa Magestade”.

O Imperador sorriu graciosamente e disse fazendo menção de se retirar:

—“Vou deixá-lo. Preciso ir influenciar o plano de guerra das Nações democráticas que está em elaboração.”

E ergueu lentamente o chapéu tricórnio, exatamente como fazia outrora para responder à aclamação de suas tropas.

E eu, em um transporte de entusiasmo e admiração, agitei o lenço, gritando em mau francês:

—“Vive l'Empereur”.

Ponta Grossa, 10 de julho de 1950.